E16

ANO V

NUMERO 31

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPÍCIOS

DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

MARÇO DE 1944

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
BIBLIOTECA
N.º 527
Data 22-II-28

A Encíclica de Pio XI Acêrca da Educação Cristã da Juventude

(Apontamentos)

M. Luiza Almeida CUNHA

Chamam-se cartas *encíclicas* as que o Santo Padre dirige ao mundo católico, segundo as necessidades do momento.

As encíclicas tiram o nome das primeiras palavras do texto latino.

A importantíssima carta que vamos estudar é denominada "Divini illius Magistri".

Êste documento fundamental para bom conhecimento da pedagogia, data de 31 de Dezembro de 1929.

Parece, entretanto, que foi escrito hoje; fundamentado nos princípios eternos da Lei de Deus será sempre um documento de palpitante atualidade.

O plano geral da encíclica é o seguinte:

I INTRODUÇÃO.

a) motivos da publicação da encíclica;

b) essência, importância e excelência da educação cristã.

II A QUEM COMPETE A MISSÃO DE EDUCAR

a) à Igreja — preeminência, extensão e harmonia de seus direitos com os da Família e do Estado;

b) à Família — direito anterior ao Estado, inviolável, reconhecido pela jurisprudência civil — tutelado pela Igreja;

c) ao Estado —em ordem ao bem comum; suas funções; que educação pode reservar-se;

III SUJEITO DE EDUCAÇÃO

a) Todo o Homem decaído, mas remido;

b) falsidade e danos do naturalismo pedagógico;

c) educação sexual;

d) coeducação.

IV AMBIENTE DA EDUCAÇÃO

a) a Família cristã;

b) a Igreja;

c) a Escola — neutra, leiga, mista, única — católica.

d) o mundo e seus perigos.

V O FIM DA EDUCAÇÃO CRISTÃ.

a) Formar o verdadeiro cristão;

b) que é tambem cidadão mais nobre e útil;

c) Jesús, mestre e modêlo de educação.

VI CONCLUSÃO

O Santo Padre logo de início diz que:

"a) falta de claros e sãos princípios até acêrca dos mais fundamentais problemas".

b) as discussões do problema pedagógico nos diversos países.

c) e seu intenso afeto para com a juventude o impelem a resumir os princípios supremos (de educação) — a pôr em evidência suas principais conclusões e indicar as aplicações práticas do mesmo.

Depois o Santo Padre alude ao desejo inato de felicidade que existe no Homem, que se pretende atingir, principalmente com a educação.

Entretanto, a educação só a conseguirá "voltando os olhos e os esforços para a única meta de perfeição — Deus".; enquanto a pedagogia se restringir ao campo "das cousas terrenas e temporais" permanecerá numa *agitação* incessante.

Essência da educação — Consiste na formação do Homem como êle deve ser e portar-se nesta vida terrena em ordem a alcançar o fim sublime para que foi criado... na ordem atual da Providência, isto é, depois que Deus se revelou a nós por seu Filho Unigênito que é o único "caminho, verdade e vida" não pode dar-se educação *adequada e perfeita* senão a cristã.

A obra da educaço é de *excelência insuperável*, pois visando assegurar o Supremo Bem às almas, garantelhes a máxima felicidade possível neste mundo.

O educador "coopera com Deus para o aperfeiçoamento dos indivíduos, e da sociedade".

Por isso São João Crisóstomo dizia: "que há de mais sublime que governar os espíritos e formar os costumes dos jovens?"

— Continúa —

EXPEDIENTE

"EDUCANDO"

REVISTA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICO- PEDAGÓGICA

Registrada no D.I.P. sob o n. 14.604

*

Direção e Redação
MARIETA LEITE

Gerência
LEONILDA S. MONTANDON
ZEMBLA PINHEIRO CHAGAS

Rua Bernardo Guimarães, 2.200
Fone — 2-0267
Colaboradores diversos

*

Assinatura (12 ns.) . . Cr$24,00
Assinatura especial para sócios da Associação Cr$18,00
Número avulso . . . . Cr$ 2,50

*

Caixa Postal, 354
BELO HORIZONTE

SUMÁRIO

A ENCÍCLICA DE PIO XI ACERCA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ DA JUVENTUDE — Apontamentos — M. Luiza Almeida Cunha 805

QUESTÕES DE PORTUGUÊS — J. Lourenço de Oliveira 807

CONVERSAS DE LABORATÓRIO — H. Marques Lisbôa 810

AUDITÓRIOS — Anita Fonseca 819

O ESTUDO DO VOCABULÁRIO — L. S. Montandon 824

A PUERICULTURA NA ESCOLA PRIMÁRIA — Áurea Nardelli 828

O CLUBE AGRÍCOLA E A ESCOLA — Transcrição 831

O TAMANQUINHO E O GUARDA-CAÇA — Tradução de Mariléo 833

RESPONDENDO 835

PROFESSORES — Antônio Benedito de Carvalho 837

A FAZENDA ESCOLA DE FLORESTAL 839

IMPRESSA NA
GRÁFICA QUEIROZ BREINER LTDA.
AV. AFONSO PENA, 351 — BELO HORIZONTE

Questões de Português

Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguêsa

J. Lourenço de OLIVEIRA
(Da Fac. de Fil. de Minas Gerais)

SUMÁRIO — "H" — "SC" — *Ditongo "UI"* — *Acentuação gráfica.* — *Anomofonos.* — *Nomes próprios*

Lançou a Academia Brasileira de Letras, em edição de 1943, o PEQUENO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA. ....

Em nota introdutória se promete outro VOCABULÁRIO, "dentro em prazo não mui dilatado"."

Temos, pois, o novo código ortográfico da língua, elaborado em atenção ao decreto-lei 5.186, de 13 de janeiro de 1943. O de agora substitui o *Vocabulário ortográfico e ortoépico* de 1931.

E' nosso intento apresentar, aos leitores de EDUCANDO, algumas diferenças que há entre o *Vocabulário* de 1931 e o PEQUENO VOCABULÁRIO de 1943. Ou melhor, entre o FORMULÁRIO ORTOGRÁFICO de um e outro.

* * *

"H" — Era norma do antigo formulário que o *h*, sendo de boa tradição, devia conservar-se, quando inicial ou quando metido em compostos, como nos exemplos *honra, deshonra, haver, rehaver.*

Eis o que prescreve o novo FORMULÁRIO:

1. Conserva-se o *h* inicial: *haver, hélices, hidrogênio,* etc.

2. Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: INARMÔNICO, BIEBDOMADÁRIO, COONESTAR, DESARMONIA, EXAUSTO, INABILITA, LOBISOMEM, REAVER etc.

3. Conserva-se o *h* nos compostos em que os elementos se ligam por hífen: *anti-higiênico, contra-haste, pre-história, sôbre-humano,* etc.

O mais está sem novidade. Continua o *h* dos digramas "*ch*", "lh" e "nh": *chave, malho, rebanho.* Continua ausente da tmese verbal: *amá-lo-ei, dir-se-ia.* Continua ausente daquelas palavras, como *ombro, ontem, úmido, espanhol, erva* (e poucas outras), nas quais o não justifica a etimologia, ou das quais o baniu o uso consagrado. Continua ausente o *h* final de vocábulos como *felá, Alá, Jeová* e continua presente o *h* das interjeções como *ah !, oh !*

"SC" — Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena, ciência, cintilar,* etc. Elimina-se também nos compostos, quando formados em nossa língua: *anticientífico, contracenar, encenação.* Mas o *s* é conservado nos compostos que vierem já formados para o vernáculo: CONSCIÊNCIA, INSCIENTE, NESCIO, PRESCIÊNCIA, RESCISÃO, etc.

No caso do *h*, o FORMULÁRIO de 1931 o mandava conservar em vocábulos do tipo *desonra, desarmonia, reaver;* mas o FORMULÁRIO de 1943 o manda suprimir.

No caso do *sc*, o FORMULÁRIO de 1931 mandava cortar o *s* em vocábulos do tipo *conciência, inciente, precindir, recindir;* mas o FORMULÁRIO de 1943 manda conservar o *s* em tais tipos de vocábulos, de sorte que temos de escrever CONSCIÊNCIA, INSCIENTE, PRESCINDIR, RESCINDIR, etc.

DITONGO "UI" — O Formulário antigo determinava *i* para ditongos como os que há em *sais, sóis, sois, réis, reis;* mas determinava escrever-se com *e* o ditongo que há em *possue, azues, aflues*, etc.

O novo FORMULÁRIO manda escrever com *i*: AZUIS, POSSUIS, AFLUI, FRUIS, RETRIBUIS, etc.

A diferença entre formas verbais correspondentes a *tu* e *vós* determina-se pelo sinal diacrítico: (tu) *possuis, retribuis, fruis* — (vós) *possuís, retribuís, fruís.*

A mesma seqüência fonética (ui) deve escrever-se com *e* nos *hiatos* decrescentes: cultue, habitue, preceitue, etc.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA — Exceto algum pormenor de somenos, o FORMULÁRIO de 1943 repete o de 1931.

Eis, em resumo, o código da acentuação gráfica:

1. Acentuam-se os monossílabos TÔNICOS do tipo *Sá, sé, sê, só, réu, réis, rói*, etc.

2. Acentuam-se os OXÍTONOS do tipo *sofá, sapé, cipó, bambú, refém, país, baú, troféu, papéis, faróis*, etc.

Obs.: — São vocábulos de final vocálico ou de final contendo os ditongos — *ei*, — *ói*, e *éu*.

3. Acentuam-se os PAROXÍTONOS do tipo:

Faísca, Isaías, caía, heroína, saúde, etc. (hiato).

— Cêrca, lêste, fôrma, sôpro, govêrno, etc. (anomofonos ou heterofonos com relação a *cerca, leste, forma, sopro, governo*).

— *Idéia, platéia, jóia, alcalóide* (ditongos *éi* e *ói*);

— *bênção, órgão répteis, fáceis* etc. (final ditongado);

— *amá-lo, vê-lo, serví-lo, pô-lo*, etc. (forma verbal e o pronome "lo", com suas variantes);

— *glória, lábia, ócio, nódoa, língua*, etc. (ditongo crescente ou hiato átono, sensível, êste, em vocábulos como *área, éreo, espontâneo*).

4. Acentuam-se todos os PROPAROXÍTONOS: *ágora, égide, crisântemo*, válido, término, etc.

5. O acento grave, em sílaba *não* tônica, assinala uma crase vocálica ou uma voz subtônica, em vocábulos como *à às, àquele, pàlidamente, órfãozinho, chapèuzinho, etc.*

6. O trema, privativo do "*i*" e do "*u*", em sílaba *não tônica*, assinala a presença fonética do "*u*" em vocábulos do tipo *eqüestre, eqüidistante, agüentar, lingüeta*, etc.

Obs. — E' lícito o emprêgo do trema para assinalar o hiato em vocábulos como *saüdar, carnaübal, abaülado, caïdiço*, etc.

ANOMOFONOS — Das normas acima resumidas, a mais subtil é a qce se refere aos *anomofonos* ou heterofonos, vocábulos (como *sôpro* e *sopro*) em tudo iguais exceto no timbre da vogal tônica. Êles não se escrevem do mesmo modo e *não são homógrafos.*

A cuidadosa aplicação dos acentos, para assinalar anomofonia (ou heterofonia, que é a mesma coisa), exige um muito seguro conhecimento vocabular da língua.

Cumpre especial atenção com os mais vulgares e diários dos vocábulos como *aquêle, dêle, tôda, nêle, êle, êste, êsse, sôbre fôsse, fôr, fêz, portuguêsa, emprêsa,* etc., os quais devem ser ser acentuados porque existem as formas abertas dele, toda, nele, ele, este, esse, sobre, fosse, for, *portuguesa, empresa,* etc., correspondentes a algum verbo conjugado ou a algum nome. (Nos exemplos acima temos contraste com formas dos verbos *delir, sobrar, fossar, portuguesar, empresar* e com os substantivos *toda, nele, ele, este, esse, for, fez*).

Há casos em que a heterofonia atinge a tríplice requinte: *as, às, às; pêlo, pélo, pelo; pólo, polo* (arc.); *pêra, péra, pera,* (arc).

NOMES PRÓPRIOS — Os nomes próprios estão sujeitos às regras comuns de grafia e da acentuação, sendo êles portuguêses ou aportuguesados.

Mas, "para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária".

O mesmo podem fazer firmas, sociedades, títulos e marcas registradas.

"Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo "Bahia"...

Entretanto, ao lado de "Bahia" deve escrever-se "baiano", "baianada", etc.

NOTA — A matéria da acentuação gráfica ou topologia diacrítica está cuidadosamente estudada em trabalhinho recentemente publicado pelo autor desta secção.

—— Consultas para esta Redação.

Cumpre exprimir o verdaeiro para escrever forte, natural e delicadamente. — **La Bruyére**.

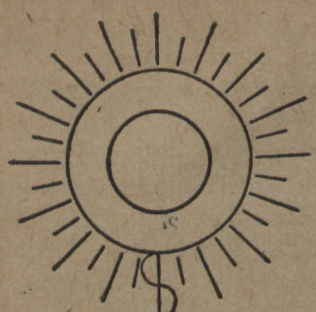
A Gráfica Queiroz Breiner Ltda.

que imprime a Revista EDUCANDO instalou á Rua Espirito Santo, 562, completa seção de

LIVRARIA E PAPELARIA

com organizado serviço de REEMBOLSO POSTAL para atender aos seus fregueses do interior.

A GLIC



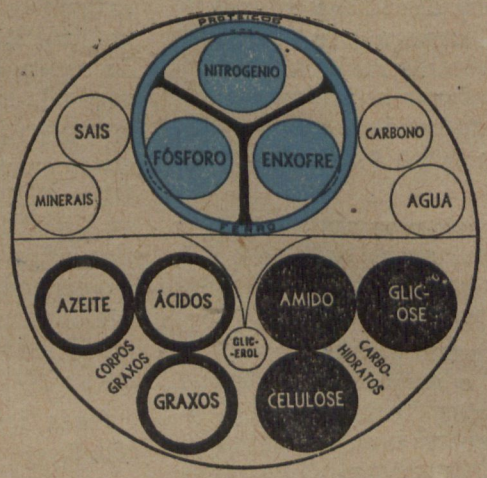


FIG. 1 - ESQUEMA DE CELULA CLOROFILADA

RAIOS SOLARES EM TRAJETÓRIA HELICOIDAL

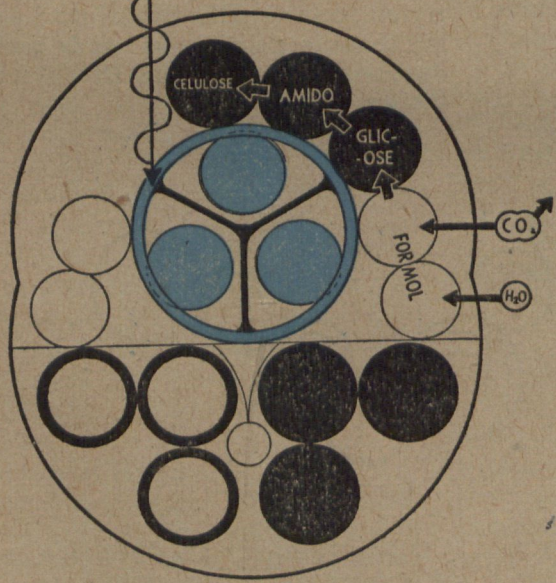


FIG. 2 - 1a. SERIE DE TRABALHOS NA ASSIMILAÇÃO: FORMAÇÃO DE CARBO-HIDRATOS

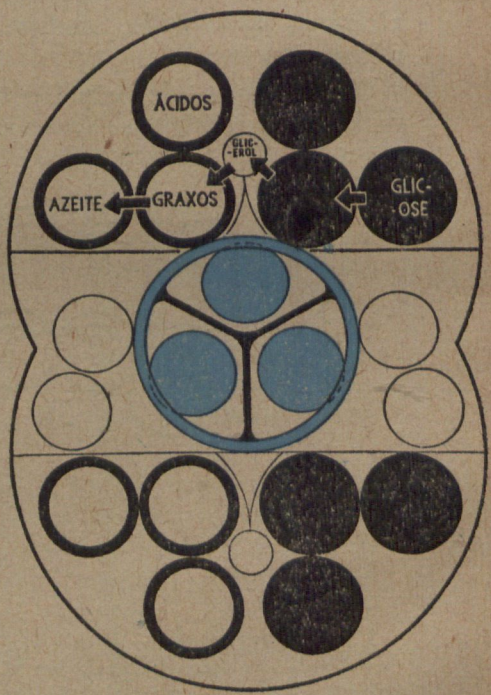


FIG. 3 - 2a. SERIE: FORMAÇÃO DE CORPOS GRAXOS

OSE

(o açucar de uva)
é a pedra fundamental da matéria viva.

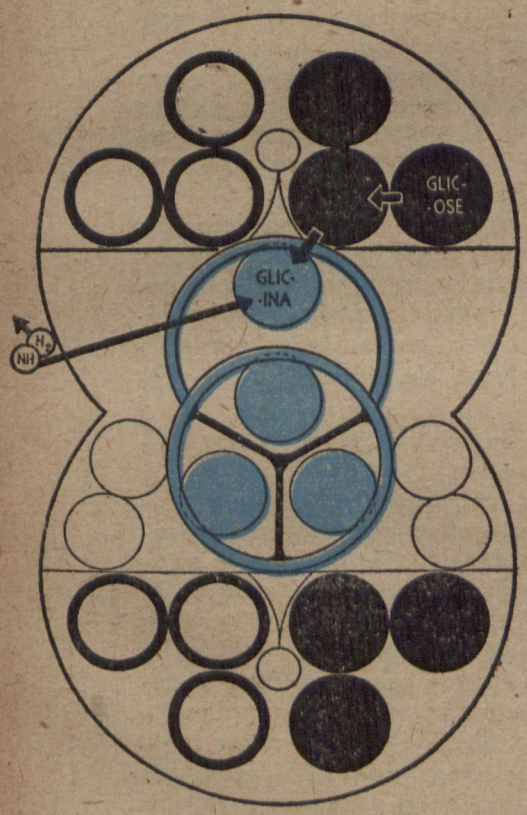


FIG. 4 - 3a. SERIE:
INICIO DA FORMAÇÃO DE PROTEICOS

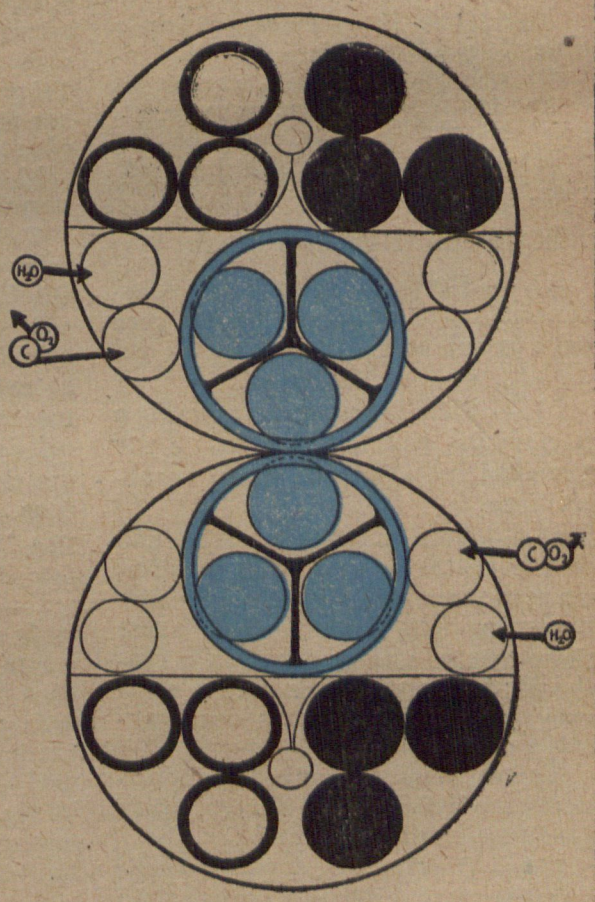


FIG. 5 - 4a. SERIE:
REMATE DA ASSIMILAÇÃO

No caso afirmativo, tome um vidro bem limpo, arrolhe-o muito bem e pergunte: *que é que está sendo guardado dentro dêste vidro ?*

O interrogado provavelmente responderá: *Nada.*

Escreva então, com uma letrinha muito boa o seguinte rótulo, que fixará no vidro:

Nitrogênio	78,00%
Oxigênio	21,00%
Gás carbônico	0,03%
Gases diversos (6)	0,94%

Êste é realmente o conteúdo de qualquer vidro, que nos pareça vazio. Numere o vidrinho e guarde-o na sua coleção.

Agora que já sabemos possuir a atmosfera a brutalidade de quase oitenta por cento de azoto, vamos indagar como podemos reconhecer, física ou químicamente, cada um dos 3 grandes grupos de rodas imaginárias.

RECONHECIMENTOS

a) — Entre as primeiras substâncias fabricadas pela planta você sabe reconhecer, pelo menos as *farinhas*, por meio do IODO.

b) — Sabe perceber uma *gordura* pelo cheiro, pelo tacto untuoso e por manchar os papéis de modo caracterítisco.

c) — Você entretanto ainda não sabe verificar se uma dada substância é um *proteico* (ou albuminoide) mas reconhece, como fazendo parte dêsse grupo: a *clara* dos ovos, o *coalho* do leite, as *fibras* de carnes e várias outras partes tenras dos vegetais e dos animais.

Vamos escolher, entre os indicadores químicos de proteinas, dois processos muito simples:

a) — O primeiro, deve ser realizado com três vidrinhos da caixa n.º 2 e será, na sua série de experiências, o:

11.º *Tr. prático — Caseína do leite*

I — No primeiro vidro, colocar leite e água, partes iguais.

II — Adicionar-lhe três gotas de ácido nítrico. (cuidando para não sujar as mãos, a roupa, ou os móveis), A *proteina* formará grumos *brancos.*

III — Passar *metade* do conteúdo grumoso dêsse vidro, para o segundo que será aquecido, com cuidado, na chama da pequenina lâmpada de alcool, virando-se a abertura para o lado. Resultado: côr *amarela.*

IV — Passar *metade* do líquido grumoso e amarelo para o terceiro vidrinho e pingar neste gotas de amonea até se conseguir côr *alaranjada.*

Não esquecer de rotular os 3 vidrinhos para guardá-los no pequeno laboratório. Para êsse trabalho prático serve muito bem, em vez de leite, o pouquinho do líquido aquoso, escorrido da espuma de claras de ovos, quando batidas para suspiros. Tal processo de pesquisas de *proteicos* tem o nome retumbante de reação: *xanto-protéica.*

b) — O segundo processo pode nos permitir a matança de dois coelhos com uma só cajadada, isto é, poderemos estudar também um pouco de OSMOSE.

Não a osmose do *Nitrogênio dissolvido* nas poças de água e passando através da membrana de celulose, mas sim uma travessia de *sal solúvel de cobre,* por entre os poros de um derivado da celulose — a *celofana.*

12.º *Tr. prático — Osmose com sulfato de cobre*

I — Com um pouco de leite e muita água, encher quase completamente um vidro de mais de 5 cm de altura e juntar-lhe gotas de solução de soda cáustica (ou *potassa,* serve a usada pelas lavadeiras).

II — Cortar, em papel fino de celofana, um círculo de 10 cms de diâmetro e cobrir com êle a parte romba de um lapis ou bastão, para, dobrando-o sôbre o lapis, como se fôsse um guarda-chuva fechado, formar um saco comprido (de mais ou menos 5 cm). Amarrar as bordas pregueadas da celofana.

III — Introduzir parcialmente o saco (ainda com o lapis para o interior do vidro, até mergulhar bastante no leite aguado, com cuidado,

para não furar a celofana.

IV — Retirar com jeito o lapis, torcendo-o de vagar, e introduzir dentro do saco, então vazio: 1 cm3 da solução de um cristalzinho de sulfato de cobre em água.

V — Observar, no fim de pouco tempo, a formação de côr lilás no leite aguado. O sulfato de cobre passando por osmose através da membrana, vai colorir a caseína do *leite alcalinizado.*

Retirar o saco que serviu para a osmose e despejar o conteúdo do vidro em um vidrinho da coleção. Essa reação, que serve também para se reconhecer a presença da albumina do ovo, é a do *Biureto.*

Um outro processo (bem pouco elegante) de reconhecimento da existência de Proteicos, é o mau cheiro exalando, quando em decomposição. E' exemplo disso a uréia, decomdondo-se em *amônea,* na urina fermentada pelas bactérias.

ENXOFRE — Para melhorarmos a vida e o crescimento do nosso pequenino ser vivo, caído sôbre a ilha devastada, já lhe arranjamos, com o Nitrogênio, *quatro corpos elementares,* todos ao seu alcance: H-O-C-N, mas... isso ainda não lhe basta, pois a quase totalidade dos *proteicos* encerra também ENXOFRE.

Êsse quinto elemento, foi denominado SULFUR pelos latinos e é representado por S maíusculo.

Pode ser revelado pelo cheiro nauseabundo do gás SULFíDRICO nos ovos em decomposição: *cheiro de ovo podre.* Cheirando-se um pouco da água SULFUROSA de Araxá, bem se reconhece, aí, também, a presença do gás sulfídrico.

Há portanto, dois maus cheiros permitindo o reconhecimento de algumas proteínas em decomposição, sendo que as esterqueiras podem mostrar esse duplo aroma: o de *amônea* e o de *gás sulfídrico.*

Resta saber como o nosso paraquedista irá buscar, sôbre a ilha vulcânica, o *enxofre* que tanto precisa para complicar suas proteínas?

Isso não é problema. Não é quebra-cabeças, pois a lava vulcânica, malcheirosa, é rica em enxofre.

FÓSFORO e METAIS — A roda *mestra* está querendo ficar concluída, mas suas exigências vão além, quer ainda, pelo menos, mais um corpo elementar: — o FÓSFORO. Não o que usamos para acender e iluminar; mas o que se encontra nos ossos, no sangue, nos nervos, na substância cerebral, etc.

Além disso, para complemento de tôdas as rodas, faltam ainda vários metais, como: o ferro (parece que não é possivel respiração sem ferro), o cálcio, o sódio, o potássio, o magnésio e outros.

Como arranjar tudo isso, na Ilha devastada?

POESIA — Ao tentar explicá-lo, ocorre-me à lembrança um dos meus maiores prazeres do tempo de garoto: a minha primeira entrada em uma platéia de teatro. (Como isso já vai longe!)

Levantado o pano de bôca, um ator cabeludo, avançou até à borda da ribalta e com fisionomia importante e gestos representativos, assim começou:

"*Rugia ao longe o sul impetuoso formando BORRASCAS e TEMPESTADES...*"

Aí está justamente a explicação de que carecemos.

Verdade é que, enquanto a tempestade estiver ao longe, não interessará formar ressaca, quando as ondas monstruosas forem atiradas sobre as bordas escarpadas da ilha; quando a água pulverizada em gotículas se projetar a grande altura; quando o vendaval recolher as gotículas em reboque e lançá-las ao longe então sim, uma garoa fina de água salgada, alcançará intermitentemente vários trechos da ilha, fornecendo-lhe um pouco de todos os sais existentes no mar.

E não é tudo. A mesma *borrasca rugindo ao longe*", pode estar varrendo, com violência, ilhas ou continentes próximos, e assim, elevando altas colunas de poeiras. Estas, em

redomoínho, chegarão quase às nuvens e, em seguida, como chuva de pó finíssimo, se espalharão, caindo sobre os relevos e as depressões da ilha: teremos assim novos elementos, para novas vidas.

DUPLICATA — Quem ficar atento ao enunciado dos trabalhos do nosso relógio *verde-azulado*, verá que o material vai sendo fabricado em séries, de modo sucessivo.

As rodas dos três principais grupos já estão quase completamente concluidas, em nossa narração atual, e, quando isso ocorrer, tôdas estarão *duplicadas*: dois relógios iguais estarão em condições de se separarem (MULTIPLICAÇÃO).

VIDA e MORTE — A Nostocacéia é capaz de armar em meio árido os seus complicados maquinismos, peça por peça, CRESCENDO até formar duplicata de todo o seu conteúdo; poderá então, MUTIPLICAR-SE ,dando origem a dois maquinismos iguais, dois microscópicos relógios azuis.

Um relógio com molas de aço, com rubís, tampo de vidro, ou de metal, não pode fazer o mesmo. São somente as células vivas, que conseguem fabricar sucessivamente, cada uma das peças de que se compõem. Só elas sabem em seguida, *armá-las* em um corpo semelhante a si mesmo, *ad simile* (ASSIMILAÇÃO).

Assimilando, portanto crescendo, e em seguida reproduzindo-se, as Nostocacéias enchem as poças e vários lugares úmidos da Ilha. Algumas se dissecam sem morrer e são por acidente, não de morte natural. não da *morte necessária*, aquela morte que remata a vida dos vegetais e dos animais propriamente ditos.

HIENAS — Da morte, embora fortuita, resultam cadáveres e isso tem para a Ilha grande importância.

Robinson Crusoe levou consigo um cachorro; pena não ter levado uma hiena ;isso me facilitaria compará-la com as BACTÉRIAS da putrefação, devoradoras de cadáveres. São estas que iniciam o preparo dos adubos e para isso também se aproveitam dos *excretas*. São exemplo de excretas nos animais de estábulo: estêrco e a urina. Em linguagem científica diremos: *resíduos de metabolismo*, isto é, resíduos dos *trabalhos* dos maquinismos vivos. Isso corresponde às cinzas, à fumaça, etc., nas máquinas de ferro e aço, quando em atividade.

A decomposição dos excretas das Cianoficéias, assim como a dos seus cadáveres, permite alimentos azotados para novos corpos vivos.

OUTROS PARA-QUEDISTAS — Além de Cianoficéias e Bactérias, caem continuadamente sôbre a Ilha esporos diversos e até mesmo sementes, todos aí ficam porém aguardando oportunidades para proliferação.

Até êste momento da nossa história, os adubos microscópicos e o pouco de sais do mar, com algumas poeiras, deixam ainda tão precárias as condições nutritivas do solo da Ilha, que, além das referidas *Cianoficéias* e *Bactérias*, somente poderão vingar certos Cogumelos primitivos, entre êles FERMENTOS e modestos BOLORES.

Na categoria (embora muito vaga) dos *fermentos*,, encontra-se uma espécie interessante, em nosso ponto de vista atual de *procura de corpos vivos pouco exigentes quanto à própria alimentação*. E' de SELEÇÕES, em seu número de janeiro do corrente ano a seguinte informação:

"Colocam-se 56 quilos de fermento numa tina contendo 25 mil litros de AGUA, e juntam-se uma tonelada e meia de melaço (em cujo AÇÚCAR o fermento se alimenta) e amônea (de onde vem o NITROGÊNIO) — que o fermento converte em proteína".

Os grifos são meus. Por ay parese que *água, açúcar* e *amônea* são suficientes para o corpo vivo, mas há um lapso do articulista: no me-

laço não se encontra sómente açúcar e sim, uma grande porção de impurezas possuidoras do enxofre, do fósforo, do ferro e dos outros sais de que carece qualquer ser vivo, embora em quantidades mínimas.

Entre os COGUMELOS aparecerão tipos espertos, mais sabidos e formadores de uma modalidade de vegetação bem visível a ôlho nu. Antes porém, de cuidarmos dêsses espertalhões, quero abrir um parêntese para indagar da:

FÔRÇA MOTORA empregada pelos Cogumelos ou bolores; pois, não tendo clorofila, para aproveitar os raios do SOL, onde encontraria a energia indispensável aos seus trabalhos?

Comparando as células a relógios, devo informar que as possuidoras de *clorofila* trabalham com DOIS MOTORES.

Seriam como um relógio tendo algumas rodas movidas a ELETRICIDADE e outras por *corda*, isto é: por MOLA de Aço. No caso da planta clorofilada teremos:

1.º motor: — Luz solar. A clorofila, em vez de corrente elétrica, serve-se da torrente de constelações, formados por pequeníssimos corpúsculos, ou eletronos, continuadamente lançados pelo SOL, em trajetória lembrando um sacarrolha (1).

E' com tais *corpúsculos solares*, recebidos direta ou indiretamente, que a clorofila fabrica açúcar.

2º. motor: — Fôrça prisioneira — A planta, como você viu no capítulo anterior, recebendo um pouco de água com açúcar, fabrica NO ESCURO, a sua farinha. Esta se serviu então de outra fôrça, tão prisioneira, quanto a das *molas de relógio*.

Como imaginar o aprisionamento e a libertação de uma fôrça?

Dando-se corda em um relógio aprisiona-se nas voltas da mola de aço a energia dos músculos da mão e do braço; essa fôrça, em seguida, irá sendo a pouco e pouco libertada e irá movendo as rodinhas. Nos relógios MORTOS, será o pêndulo, em seu *vai e vem*, o libertador da fôrça; nos maquinismos VIVOS cabe tal serviço à respiração.

Como?

A clorofila, ao fabricar açúcar, aprisiona energia do SOL; entra depois em cena a respiração: esta queima uma porção de açúcar, *quebra portanto a prisão*. Assim, *mesmo no escuro*, a planta ganha fôrça para fabricar farinha ou realizar outros trabalhos.

PRISIONEIROS — Estudemos agora a quarta turma de invasores capazes de multiplicação: os COGUMELOS LIQUENIANOS, formadores de uma complicação interessante.

A ilha de Robinson Crusoe recebeu a visita de um grupo de selvagens, somente vinte e cinco anos depois de ter êle chegado aí. Eram devoradores de prisioneiros e chegaram quase a saborear o *Sexta-feira*.

Os tais selvagens aprisionadores e devoradores, são comparáveis a *certos cogumelos aparentemente inocentes*. Formam filamentos com os quais laçam e entre-laçam as esferas das Nostocacéias (ou de outros microscópicos sêres verdoengos).

Prêsas as esferas nos fios emaranhados, os selvagens aproveitam-lhes os resíduos e metabolismo, mas, de vez em quando, não se satisfazem com isso e sugam o conteúdo, sugam o protoplasma de algumas esferas. Lá se vão para o interior dêles rodinhas de relógio, que não sabem fabricar, mas sabem armar a seu jeito.

Os botânicos dão o nome de LIQUENS ao bloco formado pelos laçadores e seus escravos e a êsse modo de vida, merecedor do nome de HELOTISMO, costuma se dar o de *simbiose*.

BARRANCOS e PEDRAS ÁRIDAS — Os *Liquens* formam gran-

---

(1) Trajetória helicóidal. A projeção dessa hélice em um plano dará ondulações, como as de Fresnel, mas com as côres do espectro solar.

des manchas circulares ou irregulares, esbranquiçadas, cinzentas, esverdeadas ou avermelhadas, facilmente visíveis em qualquer barranco árido e velho, assim como em pedras agrestes, mesmo nas mais altas montanhas, ou ainda em cascas de árvores veteranas; por tôda a parte em que se os procure.

Na época das sêcas, as vidas do carcereiro e do encarregado, ficam latentes (estacionárias); no momento das chuvas, revivem e ganham um pouco de crescimento. Novas sêcas as fazem parar, novas chuvas as fazem crescer um pouco mais.

O povo dá a certos *liquens*, de grande relêvo, o nome de: *musgos de presépio*. E' preciso porém, não confundí-los com os verdadeiros musgos, *sempre verdes*, lindamente verdes e quase sempre com fôlhas pequeninas.

REMATE — Para concluir os aparecimentos sucessivos de novos habitantes, tenho a dizer que os destroços e os cadáveres aumentando sempre irão melhorando o terreno e:

a) — os esporos dos *musgos rasteiros* (*Hepáticos*) e mesmo dos *Musgos-eretos*, poderão ir vicejando nos lugares extraordináriamente úmidos;

b) — junto deles, mais tarde, poderão aparecer as *Avencas* e *Samambaias;*

c) — sementes de Sapés, Capins, Gramas e outras plantas herbáceas, formarão, ainda mais tarde, trechos de campos e de gramados;

d)) — com o decorrer de longo tempo, alguns *coquinhos*, transportados por aves, já agora caídos em terra, mais adubada pelo extêrco das próprias aves, permitirão elevarem-se garbosas *estirpes;*

Ressurgida a vida na Ilha tenho de me despedir.

No próximo capítulo farei a doceira retirar para fora da prateleira o pacote de maisena, que ai descansa há já tanto tempo; antes disso, porém, quero recapitular o conteúdo dos nossos vidros e vidrinhos.

Caixa I (tampa da caixa de sabonetes).

Vidros de menos de 10 cm3. Reativos:

1 — Álcool
2 — Açúcar de mesa
3 — Algumas passas
4 — Benedict qualit.
5 — Farinha de chuchú
6 — Azeite
7 — Tint. de IODO
8 — Miolo de pão
9 — Formofórmio
10 — Ácido nítrico dil.
11 — Amônea
12 — Potassa das lavadeiras
13 — Sulfato de enxofre
15 — Fosfato de ossos
16 — Citrato de sódio
17 — Ácido clorídrico a 1/10
18 — Peptona animal
19 — Pâncreas dissecado
20 — Bilis de galinha

Caixa n.º II

Vidrinhos de menos de 5 cm3.

1 — Clorofila e álcool
2 — Açúcar queimado
3 — Açúcar e Benedict
4 — Água de passas e Benedict
5 — Farinha de chuchu e Iodo
6 — Fôlha com álcool
7 — Fôlha com álcool e azeite
8 — Pão com iodo
9 — Ar atmosférico
10 — Leite com ac. nítrico
11 — O n.º 10 aquecido
12 — O n.º 11 com amônea
13 — Leite com potassa
14 — O n.º 13 com sulf. cobre
15 — Sangue de galinha coag.
16 — Sangue citratado
17 — Pão, saliva e Iodo
18 — Leite, ac. clor. e pepsina
19 — Coalho de leite e pâncreas
20 — Bílis, leite e pâncreas.

Experiências exigindo aquecimento na lâmpada de álcool poderão ser realizadas em tubos compridos; e os produtos obtidos guardados nos pequenos vidros da coleção .Os prendedores de madeira, usados para prender roupa lavada nas cordas dos coradores, dão ótimas — *pinças* — para segurar os tubos, quando em aquecimento na lâmpada de álcool.

AUDITÓRIOS

Anita FONSECA

TIPOS DE AUDITÓRIOS -- ORGANIZAÇÃO -- PREPARAÇÃO DO PROGRAMA -- EXECUÇÃO -- CRÍTICA.

Muito já se tem escrito e falado sôbre os auditórios.

— De um modo geral, parece estarem na consciência das professoras os seus valores, as suas finalidades, a maneira de conduzí-los para que mais frutuosos sejam os seus resultados. Assim, temos visto, com muita satisfação, desaparecer de nossas escolas aquêles auditórios formais, em que a professora absorvia tôda a atividade e o aluno era reduzido a um simples autômato. Era a professora quem pensava, planejava, organizava, escolhia os números, ensinava-os e os distribuia preferentemente entre os alunos tidos como os mais habilidosos. No dia aprazado, e após demorados ensaios, executava-se um longo programa, cujos números nem sempre correspondiam às finalidades educativas.

Felizmente estas falhas estão desaparecendo, e atualmente vemos quase generalizado o princípio de que *o auditório deve ser feito pela criança e para a criança*, e êsse outro: auditório não é festa e sim um complemento de aula ou uma aula agradável. Organizados os auditórios dentro dêstes princípios, acontece o oposto do que falamos acima. E' a criança quem planeja, organiza, escolhe, executa, critica e comenta, sem prescindir, entretanto, da orientação da professora, como é razoável. Os resultados não se têm feito esperar no ensino: mais interêsse, mais iniciativa dos alunos, mais espontaneidade, mais amor ao estudo, mais progresso, mais alegria e melhor aproveitamento.

Entretanto, não obstante o grande melhoramento havido nos auditórios, ainda temos o que melhorar e é sôbre alguns dêsses aspectos que faremos os nossos comentários.

Alguns auditórios a que assistimos recentemente e que aparentemente poderiam fazer supor estivessem de algum modo, em desacôrdo com os princípios estabelecidos, nos levaram a fazer a seguinte interrogação: Deve ser sempre todo e qualquer auditório feito pelas crianças? Seria inteiramente desprovido de valor aquêle que fôsse organizado pelas professoras e executado pelos alunos?

Pensamos que não. Tudo, porém, depende da qualidade do programa e dos objetivos que a professora tem em vista.

Quanto à qualidade, referimo-nos ao assunto e aos números do programa, os quais devem estar dentro do interêsse e da experiência dos alunos ou pelo menos ser acessíveis à sua compreensão. Quanto aos objetivos, êstes podem ser diversos: arte — tornar melhor compreendida uma determinada peça literária, etc.

Vamos dar um exemplo: As crianças do Grupo Escolar "Barão de Macaúbas", da Capital, haviam aprendido a história de Gata Borralheira e dramatizaram essa história em classe. Muitas a viram no cinema. A professora pôs a história em versos; musicou-a. As crianças decoraram os versos e a música da história de Gata Borralheira e foi criada, assim, uma espécie de opereta, que as crianças cantaram em auditório da Hora Educativa da Rádio Inconfidência.

Perdeu êsse auditório os seus valores educativos, por ter sido organizado pela professora? Estamos certas de que não. Primeiramente porque girou em tôrno de um tema familiar às crianças e dentro de seu interêsse. Em segundo lugar,

porque os dois elementos de arte, isto é, música e poesia, introduzidos na história, a enriqueceram, concorrendo para que fôsse melhor sentida e compreendida pelos alunos.

Outro auditório também organizado pelas professoras e que consideramos valioso foi realizado pelos alunos do Grupo Escolar "Silviano Brandão", desta Capital. Constituiu o tema central, de auditório a região amazônica que havia sido estudada em classe. Em tôrno dêsse assunto organizaram um formoso programa em que a recitação de belos trechos literários era completada por expressivos trechos de música característica, que exprimiam a beleza e a pujança da Amazônia. Aos alunos coube a interpretação do programa e se houveram tão bem no desempenho, que os valores do auditório se patentearam nessa simples demonstração. E' indiscutível a influência da Beleza na educação do sentimento e formação do caráter da criança.

Consideremos ainda um outro tipo de auditório quase sempre planejado e dirigido pela professora e que entretanto não perde os seus valores educativos: uma demonstração de educação física, por exemplo. Trata-se de um auditório específico, cuja finalidade pode ser despertar o interêsse pela cultura física, a harmonia e a beleza das formas e das atitudes. E' sabido que na Grécia antiga a educação física, como qualquer outro esporte tinha como finalidade a Beleza, razão por que até hoje são imitados e constituem ainda motivo de encantamento os jogos e as danças daquele tempo.

No auditório acima citado figuram sempre números de ginástica sueca rítmica, dansas clássicas, jogos diversos. Nem sempre podem os alunos escolher os exercícios, dansas e jogos para um programa dessa espécie, uma vez que isto está condicionado à idade, à saúde e ao desenvolvimento físico das crianças. Entretanto, hábitos muitos valiosos podem ser implantados durante a preparação do auditório: o cavalheirismo, a lealdade, o contrôle, a atenção, a capacidade física em geral. Tudo depende, como dissemos, da habilidade da professora, que é sempre a alma de tôda a educação.

Do exposto, poderemos dividir os auditórios em dois grupos: auditórios organizados pelas professoras e auditórios organizados pelas crianças. Dentro dêsses dois grupos cabem ainda as seguintes subdivisões:

Auditórios gerais — Podemos denominar assim os que são organizados peals professoras ou pelos alunos com a colaboração de várias classes do estabelecimento. Obedecem, por isso, a um programa variado e são geralmente assistidos por todo o corpo docente e discente, bem como pelas famílias dos alunos e convidados. Neste número se incluem os auditórios comemorativos das grandes datas nacionais, cujos programas ficam a cargo das classes dos 3.º e 4.º ano s e devem apresentar caráter mais solene. Sôbre estes auditórios gerais e auditórios de classe, auditórios específicos, auditórios festivos, cuja organização obedece, geralmente, a instruções previamente publicadas pelos órgãos superiores do ensino, falaremos mais adiante.

Consideremos agora o 2.º grupo, isto é, auditórios feitos pelas crianças.

São êstes os que devem predominar na escola, por serem os que mais se coadunam com os princípios que regem as instituições escolares, desenvolvendo no educando as qualidades de organização, iniciativa, confiança em si, senso crítico, bem como sentimentos de cooperação, amor à escola e ao estudo, solidariedade, sinceridade, etc. Não queremos dizer que tudo isto se possa obter só com os auditórios. A implantação desses hábitos, o cultivo dessas qualidades e sentimentos tão desejáveis dependem de outros fatores, como o ambiente geral da escola, seus processos disciplinar, programas de ensino, atitude do professor, seus métodos e processos de ensino, etc., conforme já foi oportunamente lem-

brado pelo saudoso professor Mauricio Murgel, em substanciosos artigos publicados na Revista do Ensino e no "Minas Gerais".

Entretanto, essa atividade bem orientada concorre para o desenvolvimento das qualidades citadas.

Dentro do 2.º grupo são mais comuns os auditórios que chamaremos de classe, ou sejam os organizados pelos alunos de determinada classe com a finalidade de apresentar trabalhos e resultados dos estudos feitos em classe, durante um certo período. Exemplifiquemos: uma classe estudou a bacia do São Francisco. Finalizando o estudo, os alunos vão apresentar os seus trabalhos. Organizam um programa que possa dar uma visão geral dos conhecimentos adquiridos em tôrno do tema. Os números do programa abordam vários aspectos da região estudada: as leituras, poesias, dramatizações, palestras, desenhos gráficos, trabalhos em modelagem e qualquer outra documentação apresentada, mostram que o estudo foi bem feito e a bacia do São Francisco ficou bem compreendida e assimilada pela classe.

Êste tipo de auditório é o que mais favorece o desenvolvimento dos alunos, porque todos podem e devem dele participar. Os menos aptos para falar, cantar ou recitar podem desenvolver essa aptidão ou colaborar de outra maneira, apresentando desenhos, trabalhos, composições escritas, gráficos, etc. Consideremos ainda a influência desse tipo de auditório nas outras classes, cujos alunos não só se instruem com o que viram e ouviram, como se sentem estimulados a empreender estudos semelhantes.

Durante a sessão e mesmo alguns dias após, devem os trabalhos ficar em exposição para serem examinados pelas outras classes, pelos pais dos alunos.

E' desnecessário repetir que tais auditórios se fazem dentro do horário escolar e sem nenhum aparato: nem laços de fita, nem roupas domingueiras. Tudo num ambiente singelo de alegria, trabalho e colaboração.

Auditórios festivos — Numa casa de ensino se fazem auditórios que chamaremos de festivos. Teem geralmente por objetivo festejar um aniversário, homenagear um visitante ou uma pessoa grada da localidade, apresentando um programa variado, em que predominam números recreativos. Às vezes são improvisados pelas crianças, para festejar o aniversário da professora ou de algum colega. Nesse caso são muito espontâneos e por isso mesmo têm a vantagem de revelar a capacidade de organização dos alunos seu gôsto e senso na organização dos programas, patenteando, assim, o desenvolvimento adquirido.

Êste tipo de auditório costumam realizá-lo as classes do 1.º ano para festejar o recebimento do 1.º livro de leitura, de terminada a cartilha ou o pré-livro.

Auditórios cívicos — Sendo o objetivo principal desses auditórios despertar o sentimento de civismo nos alunos ,o respeito e a admiração pelos heróis da pátria ou pelos vultos que a engrandeceram, devem ser adequado para despertar a emoção cívica. Todos os números devem estar estreitamente relacionados com o fato histórico que se comemora. Vamos citar como exemplo um programa executado no dia 21 de abril pelos alunos das classes anexas à Escola de Aperfeiçoamento.

1) Abertura da sessão e palavras alusivas à data pela diretora;
2) Hino a Tiradentes por todos os alunos;
3) Leitura de trabalhos feitos pelos alunos em grupos de três, obedecendo aos seguintes tópicos:

a) Por que os Inconfidentes prepararam uma revolta;
b) Quais os principais Inconfidentes;;
c) Os inconfidentes tinham um plano: vamos conhecer os pontos principais;
d) Naquela época em que os meios de comunicação eram inferiores aos atuais, como tinham os mineiros notícia do que se passava na Europa?

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

e) Se Joaquim Silvério dos Reis não tomava parte nas reuniões, coom veio a saber dos planos dos conjurados?

f) Onde e como foi preso Tiradentes?

4) Retrato de Tiradentes — desenho por um aluno.

5)) Tiradentes — poesia, por um aluno.

6) Poesia sôbre Tiradentes escrita pelos próprios alunos.

7) Hino Nacional, por todos os alunos.

Como se vê, o estudo assim feito ocupou todas as crianças que fizeram um interessante trabalho de investigação em torno da Inconfidencia Mineira, adquirindo uma visão dos fatos mais importantes desse acontecimento histórico. Outros exemplos poderiam ser citados e só deixamos de fazê-lo para não nos alongarmos muito.

E' sempre conveniente que as famílias assistam aos auditórios escolares e em se tratando dos programas cívicos, principalmente nas localidades onde o povo não dispõe de outros meios de educação e instrução a não ser a escola pública, podem as professoras, a par dos programas realizados no Grupo, organizar outros destinados ao público, que assim receberá noções de civismo através de interessantes e bem orientados auditórios, de caráter solene e festivo.

DOS PROGRAMAS — CONTEÚDO E EXTENSÃO — A propósito do conteúdo dos programas, parece oportuno reproduzir trechos da nota publicada há tempos no órgão oficial.

"Aparecem por vezes, nos programas, números não consentâneos com as finalidades educativas da instituição: certas canções populares ou carnavalescas, poesias mal selecionadas ,as quais se tornam imagens viventes para as crianças, tal a expressão que lhes emprestam na execução e os aplausos que recebem dos ouvintes.

Tais números levam à mente infantil, tão delicada, tão plástica, imagens frívolas de pensamentos mais frívolos ainda, os quais alí se gravam profundamente, em virtude da sutileza e sensibilidade do órgão mental infantil. Aí ficam esses pensamentos gestando-se para manifestar-se mais tarde em tendências pouco recomendáveis.

Podem tais programas concorrer para o aperfeiçoamento moral, intelectual e social do educando? De certo que não.

Diz Raumsol, o eminente psicólogo da America: "a música elevada enternece a alma e aquieta a mente, permitindo-lhe inspirar-se em sãs e seletas meditações, enquanto que os sons bruscos e excitantes da música comum predispõem o ânimo a todas as trivialidades do mundo..."

Por que então não se proporcionará à criança música possuidora das qualidades mencionadas neste belo e judicioso pensamento?

Isto que com tanto acêrto foi dito para a música, pode aplicar-se às poesias e outras peças literárias, às gravuras e a todo material de uso das crianças, os quais devem sofrer rigorosa selecção.

Se queremos formar bem o caráter do aluno, façamo-lo conviver com imagens sãs, belas e nobres, com pensamentos elevados e puros.

Essas imagens e esses pensamentos quando se transformam em hábitos, em sentimentos, em modalidades, constituem uma grande defesa que a criança leva consigo, pois ante a imagem ou pensamento vicioso, repelirá por antagonismo tudo aquilo que não é afim. "As substâncias afins se atraem e as contrárias se repelem" — afirma o grande psicólogo citado acima.

Cabe, pois, à escola como agência formadora e reformadora, contrapôr-se à influência perniciosa do ambiente comum, selecionando com critério e rigor os programas dos auditórios infantís, bem como todo e qualquer outro material entregue à criança".

Dentro do mesmo pensamento, rezam o seguinte as conclusões tiradas sôbre a tese em aprêço, no con-

gresso de inspetores técnicos regionais realizado na Secretaria da Educação, em meados do ano próximo findo:

"Na organização dos auditórios, cumpre não esquecer:

a) o auditório deverá efetuar-se no máximo em 40 minutos;
b) elaborar o programa tendo em vista unicamente o seu valor educativo;
c) censurar, prèviamente, a letra e o rítmo dos números de canto, devendo ser abolidos os sambas, maxixes, etc."

A extensão dos programas, lembrada também na nota acima, é um aspecto que merece ser considerado. Programas muito longos tornam-se enfadonhos, ainda que bem organizados.

Para os auditórios realizados em classe, 40 minutos são suficientes.

E' preciso levar-se em conta a pequena capacidade de atenção das crianças. Um programa de 7 a 9 números bem escolhidos e variados, de acôrdo com os diferentes tipos de auditórios, agradam e não trazem cansaço.

Um outro ponto digno de nota é a acomodação dos alunos. A atividade perde metade de seu valor se as crianças assistem de pé, aglomeradas, pois isto dificulta a implantação de bons hábitos sociais, a atitude de atenção, etc. Se o estabelecimento não dispõe de acomodações para todos os alunos, convém que algumas sessões sejam assistidas só pelos alunos dos 3.º e 4.º anos, se o programa interessar mais a estes, e de outras vezes pelos dos 1.º e 2.º anos, também nas mesmas condições.

DA CRÍTICA — Terminada a sessão, convém a professora provocar em classe, comentários sobre os números executados, a atitude mantida durante a reunião, as falhas observadas e os meios de corrigí-las.

Quer sôbre programas realizados pela própria classe, quer por outras, a crítica deverá ser sempre construtiva, de modo a não suscetibilizar as crianças, devendo a professora ter todo o cuidado de evitar que se estabeleçam rivalidades entre alunos e classes. Dessa forma, educará o senso crítico dos alunos sempre para um ponto de vista mais elevado.

ESCOLARES!

FAÇAM SUAS COMPRAS NA CASA QUE, ALÉM DE OFERECER OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA, POSSUE O MAIOR STOCK DE ARTIGOS DE PAPELARIA DO ESTADO DE MINAS.

OLIVEIRA COSTA & CIA.

FUNDADA EM 1886

AV. AFONSO PENA, 1050 — FONES 2-1607 e 2-3016

CAIXA POSTAL, 14 — BELO HORIZONTE

O ESTUDO DO VOCABULA'RIO

L. S. MONTANDON

Nenhum ensino sobrepuja em importância e, também em dificuldade ao da língua-materna. Requer do professor, além de conhecimentos seguros, uma grande experiência na prática de bons processos. Frequentemente ouvimos de professores do curso secundário, quaisquer que sejam as disciplinas por êles ensinadas, reclamações desse gênero:

"Não é possível trabalhar com alunos tão atrasados; não sabem expressar o pensamento, emitir uma idéia, discorrer sobre assuntos os mais banais. Linguagem incorreta, vocabulário pobre, compreensão lenta, eis as dificuldades com que deparamos."

Não sei se o fato constitue regra geral, mas o certo é que muitos dos nossos jovens estudantes fracassam nos seus estudos por lhes faltarem conhecimentos, os mais elementares, da língua brasileira.

Nas provas e nos exames, os erros de português, a falta de compreensão das perguntas, são os fatóres mais freqüentes de reprovação.

E, no entanto, é de se admirar que tal aconteça em nossos dias, pois o ensino da Língua Pátria, na escola primária de hoje, constitue a maior preocupação dos professores e o nosso programa em experiência lhes oferece normas seguras para as suas aulas. Quais, pois, as causas do pequeno desenvolvimento de nossos alunos no estudo da língua? Aí está uma questão que deve merecer o interêsse de cada professor, procurando cada qual descobrir as falhas que por ventura haja nos seus processos de ensino para corrigí-las, tornando suas aulas mais eficientes .

E como contribuição a essa pespesquisa, apresento hoje algumas sugestões para o estudo do vocabulário que bons mestres consideram a parte essencial para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Nêle, também, a inteligência encontra fonte inesgotável de enriquecimento. Tôda palavra é o sinal de uma idéia", diz Lanson. Um outro princípio que deve ser atendido no estudo da língua é o seguinte: "Para se ensinar a uma criança a falar corretamente, é necessário fornecer-lhe os meios". O mesmo princípio se aplica, naturalmente, à linguagem escrita.

E quais são os meios de que o professor pode lançar mão para levar o aluno a se exprimir corretamente?

Muitos processos são postos em prática com bons resultados uns, mas sem grande valor, outros.

Entre os primeiros classificamos todos aqueles que provocam no aluno o desejo de falar, de se comunicar a outrem, de escrever e aplicar as palavras e idéias novas que lhes são apresentadas. O fator "meio"", incontestavelmente oferece sérias dificuldades a esse trabalho. A criança que vive em meio inferior, habituada desde muito nova à linguagem incorreta das pessoas que a rodeiam, dificilmente perderá certos vícios linguísticos, tornando-se necessário uma luta sem tréguas contra tais influências. E nessa luta do professor contra o meio, somente o interêsse e o desejo de bem falar, poderão conseguir algum resultado. A questão, pois, é saber como despertar êsse desejo.

Duvillard aponta o "hábito" como um fator poderoso para o aperfeiçoamento da linguagem. "O hábito, diz êle, cria necessidades. "Habituar, pois, os alunos a falar e a ouvir falar corretamente a língua, não deixando passar sem a necessária correção os erros cometidos e isso de maneira discreta e firme, o que de-

pende da habilidade pessoal do mestre, do seu poder em tirar partido das oportunidades que surgem a cada passo no curriculum escoalr e que da passo no curriculam escolar e que elocução, tais como os auditórios, as sessões de clube, as dramatizações, a recitação de poesias, a reprodução de um trecho, de uma história, etc., etc..

Sendo a linguagem a expressão do pensamento, é necessário que êste se torne cada vez mais preciso, claro, elevado e isso se obterá enriquecendo-se os meios de exprimí-lo. Enumeremos algumas práticas empregadas para tal fim:

1 — *A observação e a análise das cousas* — Houve quem dissesse possuir o brasileiro muito pouco espírito de observação. Realmente falta-nos esse espírito nas mais pequeninas cousas. Defeito de educação. Somente há pouco tempo a nossa Escola Primária começou a considerar o valor dessa faculdade e a dar-lhe um lugar de destaque nos seus programas de ensino. Assim é que a vemos recomendada em qualquer trabalho, precedendo-o, preparando-lhe o caminho. Quer o professor, por exemplo, que seus alunos descrevam um fato, um objeto, uma gravura, um animal, faz com que êles antes de realizarem tal tarefa, observem, discutam o assunto. Durante essa etapa, examina as impressões, os sentimentos provocados pela cousa a descrever e emprega as palavras adequadas. Alguns professores, em se tratando da descrição de um objeto, por exemplo, mandam que os alunos o desenhem primeiramente, para depois descrevê-lo.

Se o tema é referente a um dia de sol, um dia de chuva, uma manhã bonita, uma noite de calor, o trabalho é desdobrado em várias etapas: iniciam-no com leituras e ditados de trechos sôbre o assunto; observam diretamente o fato e descrever e essa observação é comentada em classe, aperfeiçoada e enriquecida com a colaboração da professora; assim preparados, podem os alunos traduzir em linguagem escrita as suas idéias sobre o assunto.

"A cousa antes da palavra ou com palavra". Esta verdade pedagógica que também, póde ser explicada pelo seguinte princípio de educação maternal e de todo método diréto: — nenhuma palavra que não corresponda a um objeto apresentado, a um ato visto ou realizado" — devia guiar nossos ensinamentos, em todos os anos do Curso primário. Certo professor ao saber do fracasso de sua classe assim se exprimiu: "a culpa é minha, pois tudo lhes ensinei, menos ver, pensar e sentir".

2 — *Exercício de elocução* — Frequentes vezes surge na escola oportunidade para fazer o aluno falar, exprimir suas idéias e melhorar sua linguagem; na "Hora de História", nas sessões dos Clubes, nos auditórios, etc., etc., a criança ouve, fala, interpreta e recita trechos em prosa e verso. Compete à professora aproveitar todos esses ensejos para fixar na mente do educando tudo de belo e de bom que êsses momentos proporcionam.

3 — *Exercícios de vocabulário* — E' esse sem dúvida um rico manancial a explorar e no entanto, parece bastante negligenciado ou talvêz mal aplicado. Antigamente o significado das palavras e o estudo dos sinônimos eram parte obrigatória do ensino da Língua Pátria. Ou seja por tomar muito tempo, pois exige preparo prévíio, ou por ser considerado prática antiquada, o fato é que o estudo do vocabulário parece estar caindo em desuso na maioria das nossas escolas. Observa-se, comumente, entre alunos de cursos secundários o desconhecimento absoluto de certos vocábulos e expressões muito usadas na conversação comum. Dirigindo o ensino de Geografia e de História em um das nossas escolas secundárias, verifiquei que a maioria dos alunos respondia mal às questões formuladas por não compreenderem certas expressões como: "*Quais os fatores, Como se*

classificam, qual a influência, qual o objetivo, citem um fato, mencionem um dos vultos, qual o movimento havido em tal data, etc., etc.. Um desses alunos chegou mesmo a perguntar: a senhora quer me dizer o que significa: "mencionem dois fatores...?"

O enriquecimento do vocabulário se processa de muitos modos, direta e indiretamente. Os meios indiretos são frequentes e numerosos como a leitura independente, o rádio, o cinema, a conversação dos adultos, etc., mas apresentam o inconveniente de serem ocasionais e incompletos. Aproveitam mais aos adultos. Em se tratando de crianças, os meios diretos são mais eficazes, daí a necessidade do estudo metódico e inteligente do vocabulário feito na escola sob a direção esclarecida do professor.

Vejamos alguns processos aconselhados por bons mestres e aplicados com êxito.

1 — *O vocabulário através dos textos*. As lições de leitura podem permitir a aquisição de palavras novas que o professor salientará, relacionando-as à idéia central do trecho, habituando assim os alunos a darem a significação exata das palavras na sentença que as encerra. Irão compreendendo que um mesmo vocábulo pode ter diversos sentidos conforme o lugar que ocupe.

O processo de colher do trecho a ser lido as palavras novas a estudar é mais sugestivo e mais natural. Tem a vantagem de apresentar os vocábulos com sua fisionomia viva e mostra a elasticidade de sua significação influenciada pela vizinhança das outras palavras. Lido o trecho, por exemplo, a professora pedirá aos alunos que procurem as palavras (substantivos, verbos, adjetivos) que se refiram à idéia central tral e manda que as empreguem em frases simples para mostrar que apanharam bem o seu sentido. Pode-se, ainda dar um questionário em que se pedirá um sinônimo, o significado de uma palavra, a interpretação de um fato. O sentido de uma determinada expressão, um frase de sentido semelhante a outra do trecho, etc., etc. Exercícios como êsse não se improvisam e nem são dados ao acaso, como remate, muitas vezes, da lição de leitura. Devem ser preparados com cuidado e critério para que se aproveitem bem todos os seus valores. Também não se confunda a lição de vocabulário com a lição de leitura. Cada qual tem seus objetivos especiais e distintos.

2 — O vocabulário pode, ainda, ser estudado, aproveitando-se certas circunstâncias como a realização de uma festa cívica, uma excursão, um passeio qualquer, em que aparecem palavras e expressões apropriadas, organizando então o professor uma lista das mesmas e fazendo-as estudar e aplicar pelos alunos.

3 — Através de exercícios especiais, como:

a) indicar palavras convenientes a determinadas frases;

b) completar sentenças;

c) dar o nome dos seres que podem fazer certas ações indicadas por um verbo;

d) encontrar palavras que possam ter a qualidade indicada por um adjetivo dado;

e) citar todas as palavras (substantivos, verbos, adjetivos) que possam ter relação com um determinado objeto, animal ou pessoa;

f) pedir aos alunos que anotem todos os têrmos novos ou de sentido ignorado que encontrarem nas suas leituras, que ouvirem em casa na conversação ou pelo rádio, para as devidas explicações, devendo haver para tal fim uma cadernetinha especial, controlando-se a aquisição dos novos vocábulos por meio de um teste;

g) transcrever um pequeno trecho da leitura, substituindo os subs-

tantivos, verbos e adjetivos por sinônimos;

4 — *Os jogos de vocabulário*, conquanto mais apropriados às classes infantís, podem ser aplicados no primeiro e segundo anos e, alguns menos puerís, nas classes mais adiantadas. Entre outros sugerimos:

a) *O jôgo das profissões* — Cada aluno escolhe um ofício ou profissão e, um a um- a medida que a professora chamar, imita por um gesto, a ação própria dêsse ofício ou profissão. Todos os outros reproduzem o gesto e em seguida escrevem no caderno de vocabulários, com uma única palavra, o nome de quem exerce tal profissão, copiando-a do quadro se ainda não souberem escrever. Um aluno, por exemplo, faz um gesto como se estivesse partindo lenha. Vem a palavra *lenhador*.

b) *O jôgo do negociante* — Cada aluno escolhe uma modalidade de "negócios".

Professora — Que negócio tem você?

Aluno — Uma livraria.

..*Professora* — Que vende você na sua livraría??

Aluno — Vendo livros, papel,... (e enumera tudo que sabe existir numa livraria). E assim se prossegue no jogo, finalizando com um concurso para premiar o "negócio" mais variado e rico.

c) *O jogo de adivinhação* — Os alunos devem definir um objeto, uma fruta, um animal, pela sua descrição.

A professora dirá, por exemplo: Eu estou numa caixinha de madeira que não tem porta e nem janela. Se vocês quizerem me ver devem quebrar minha casa e então podem me comer. Quem sou eu?

Tais perguntas, porém, devem ser baseadas nos caracteres dos objetos, fatos, animais ou pessoas já observadas e estudados em aulas anteriores.

Através de testes frequentes e exercícios de redação, a professora verifica e controla o desenvolvimento do vocabulário em sua classe o que lhe permitirá organizar novos exercícios que irão aumentando de dificuldade, de acôrdo com a reação dos alunos.

E assim as lições de vocabulário se tornarão concretas e vivas, introduzindo nas aulas de linguagem um novo interêsse e dando aos aluno maiores possibilidades de compreensão e aproveitamento da leitura independente, seja em casa ou na biblioteca da escola.

E ninguem ignora que o uso freqüente e bem conduzido dessa leitura, cria nos alunos o hábito do estudo pessoal, autônomo e por isso mesmo, por não ser obrigatório, mais propício ao seu desenvolvimento intelectual. Assim guiados os nossos jovens irão se desembaraçando pouco a pouco, de um saber meramente escolastico, para se enveredarem pelos luminosos caminhos de uma cultura sólida, sempre renovada. Vem muito a propósito esse pensamento de Lombardo: "Todo aquello que en el espírito del que aprende no es un germen nuevo no es cultura; todo aquello que se aprende como "hecho y perfecto" es un peso muerto en la inteligência."

NOTA: — Qualquer experiência feita por influência das sugestões que aí ficam ou independente delas, poderão ser encaminhadas à signatária dêsse modesto trabalho, para novos estudos a respeito do assunto.

A Puericultura na Escola Primária

Aurea NARDELLI
(Prof. técnica em Juiz de Fora)

Voltada que está a atenção de todos nós para a saúde da criança, como um dos maiores bens humanos a serem preservados, os estudos e atividades em tôrno da puericultura estão se multiplicando em nosso Estado, interessando cada vez mais a maior número de pessoas e instituições.

Corresponde-se, assim, ao apêlo do Dr. Olinto de Oliveira, do Departamento Nacional da Criança, quando diz:

"Todos os cidadãos a quem couber uma pacela de autoridade, todos quantos pela sua cultura tomaram maior ou menor conhecimento dos problemas da infância, médicos, educadores, sacerdotes, tôdas as pessoas de boa vontade, enfim, por êsse Brasil afora, são chamadas a prestar os seus serviços nesta campanha patriótica e humana, cujas bênçãos recairão sôbre nós mesmos."

As nossas professoras já estão respondendo, aquí e alí, com iniciativas interessantes ao chamado da Pátria para arregimentação frente ao grande problema. Juiz de Fora já realiza alguma cousa: criou o seu pôsto de puericultura e procura chamar para o assunto a atenção da sociedade, não só a da "élite", como a das classes populares, através das crianças que frequentam as escolas primárias. E' de lá que nos vem o presente artigo, com referência a êsse segundo aspecto do problema.

É de autoria de Áurea Nardelli, professora técnica e participante das atividades com que um grupo de médicos e educadores daquela cidade iniciam o belíssimo movimento.

Vale o artigo como uma demonstração do largo espírito de experimentação e cautela, de solidariedade social e de comprenssão psicológica que preside àqueles trabalhos e ainda como uma primeira diretriz a considerar-se no encaminhamento de problema tão grave, tão delicado e de tamanho alcance para o País.

Provado como está que a mortalidade infantil depende mais da ignorância das mães do que da miséria dos lares, claro está que a Puericultura deve constituir objetivo de curso primário. Isto mais se justifica, se pensarmos que justamente as alunas de meio social menos favorecido, são aquelas que fazem apenas o curso primário.

Mas será realizável tal projeto?

UMA EXPERIÊNCIA

Para a realização de um concurso promovido pelo Pôsto de Puericultura São José, tivemos sob nossa orientação noventa e seis meninas das classes de quarto ano de nosso Grupo Escolar. As lições foram baseadas no livro de Guiomar Rinaldi — "A Mamãezinha" — que, em linguagem accsível e dentro da experiência infantil, contém todos os principais elementos da arte de criar o bebê.

A oferta do livro ao Pôsto de Puericultura sugeriu à professora Dulce Botelho Junqueira a realização do concurso.

Como iniciar?

A MOTIVAÇÃO

Partimos da mortalidade infantil, suas causas, seus efeitos. Salientamos a parte culposa da ignorância das mães e daí nos foi fácil chegar ao ponto principal — devermos nós estudar a puericultura e difundir nossos conhecimentos.

O assunto é, de si mesmo, capaz de despertar certa curiosidade e nossas meninas, cuja idade mais frequente variava entre 11 e 13 anos, não iriam fugir à regra. Se a curiosidade fôsse mal encaminhada, poderia disto resultar um prejuyzo em nosso trabalho e um desvio em nosso objetivo.

Por isso, atacamos o problema de frente, sem subterfúgios em sua apresentação, mas encaminhando tudo a um plano elevado e conduzindo as meninas até Deus. Depois disso, fácil foi a tarefa e nosso estudo se processou em ambiente de compreensão e entusiasmo, tanto por parte das meninas como de suas famílias.

UM QUESTIONÁRIO

Objetivos:

a) Como haviam aceitado o estudo de puericultura as crianças?

b) A repercussão de nossas aulas, nos lares — impressão dos pais.

c) A repercussão entre as relações sociais e entre os próprios colegas.

d) A extensão do estudo extramuros escolares.

e) A compreensão que as meninas tiveram do valor do estudo feito.

Material:

1 — a) Vocês gostaram de estudar Puericultura?
b) Por que?

2 — a) Acharam importante estudar Puericultura?
b) Por que?

3 — a) Quando vocês disseram a papai e mamãe que estavam aprendendo a tratar das criancinhas, que acharam êles?
b) Por que falaram assim com vocês?

4 — E suas amiguinhas aqui no Grupo, que acharam? Que falaram com vocês?

5 — E suas amiguinhas lá de fora? Que falaram quando vocês lhes contaram que estavam aprendendo a cuidar do bebê?

6 — Algum menino disse alguma cousa a vocês por causa do nosso estudo da Puericultura? Que disse êle?

7 — a) Vocês já tiveram oportunidade de ensinar, a alguém, alguma cousa de de Puericultura?
b) A quem foi?
c) Que ensinaram?

8) — a) Se vocês nunca se casarem, vocês acham que perderam tempo em estudar Puericultura?
b) Que poderão fazer?

ANÁLISE

Deter-nos-emos apenas na análise mais detalhada das questões 6 e 8. A questão 6 nos merece um cuidado especial porque nos vem aclarar um grande problema—a repercussão de nosso estudo entre os meninos. Que pensam êles? Como receberam a notícia do estudo entre as meninas? Que comportamento teem em relação ao assunto, perante as meninas?

A pergunta foi mesmo introduzida porque notámos certas particularidades na conduta dos meninos que, se não nos surpreenderam, nos alertaram, levando-nos a encaminhar o trabalho de modo mais eficiente. Uma vez inteirados do assunto, desaparecida a curiosidade natural que o estudo particular às meninas lhes suscitava, interessaram-se pelo concurso, de modo espontâneo, e mantiveram palestras isentas de malícia.

Chegaram mesmo, segundo afirmação da professora, bibliotecária a se entregar à leitura do livro "Mamãezinha", com interêsse e prazer.

Esta advertência fazemos para se evitarem situações prejudicias ou alarmantes.

RESPOSTAS OBTIDAS

Questão 6:

Simples curiosidade	7
Curiosidade de estudo	12
Curiosidade maliciosa	18
Nada disseram	33
Favoráveis	3
Devia haver o Curso do Papaizinho. . .	

Questão 8:

a) Não perderam tempo (totalidade)	73
b) Ensinarão a outros	61
Tomarão crianças para criar	12

ATIVIDADES DECORRENTES DO ESTUDO

a) Excursões — Ao Pôsto de Puericultura São José.

b) *Confecção do enxovalzinho do bebê* — Foram confeccionadas 61 peças, tôdas oferecidas pelas crianças e, muitas delas, feitas pelas senhoras mães. Foram oferecidas às crianças pobres do referido Posto de Puericultura.

c) *Concurso interno* — Feita a prova (24 questões retiradas do livro "Mamãezinha"), foram conferidos prêmios às alunas colocadas em 1.º, 2.º e 3.º lugares, em sessão solene, festiva.

VERIFICAÇÃO POSTERIOR

No teste final de C. Naturais, elaborado pelo Departamento de Educação, vem uma pergunta referente à mortalidade infantil. A totalidade das meninas respondeu-a eficientemente.

SUGESTÕES

Será, verdadeiramente, praticável o ensino da puericultura no curso primário? Se é, deverá ser feito apenas no 4.º ano ou deverá abranger as idades compreendidas entre 12 e 15 anos, independente do ano do curso? Será apenas administrado às meninas, ou poderá ser fator de educação tambem para os meninos, desde que se lhe dê, nesse caso, nova feição e tópicos particulares? Poderá ser um veículo de educação popular dos lares, origem da fundação de clubes sociais de mães, liame estreito entre a família e a escola,

---

Entre as muitas expressões que podem traduzir um só dos nossos pensamentos, só uma existe boa. — **La Bruyére.**

Minha Senhora! Permanentes todos fazem, mas uma linda ondulação permanente só é feita no

INSTITUTO LUDOWIG

Massagens, limpeza de pele, manicure, penteado e tinturas ainda no

INSTITUTO LUDOWIG

No interêsse de sua beleza use sempre os afamados produtos de beleza LUDOWIG

RUA DA BAÍA, 1075 —:— TELEFONE, 2-1969

O CLUBE AGRÍCOLA E A ESCOLA

(TRANSCRITO DA REVISTA "CLUBES AGRÍCOLAS", DE INFORMAÇÕES AGRÍCOLAS DO MINISTERIO DA AGRICULTURA)

A nossa juventude precisa, desde a infância, ser educada no sentido prático. E para isto "rumo ao campo" é, sem dúvida, o lema que mais convém, por melhor atender a essa necessidade.

Analisando-se os objetivos dos clubes agrícolas e as inúmeras oportunidades educativas que oferece o desenvolvimento dos seus planos de trabalho dentro mesmo do programa escolar, só será possivel uma conclusão: — o clube agrícola constitui um complemento indispensável às escolas, especialmente às do interior brasileiro, realizando o ideal de escola ativa e, ainda mais, concorrendo para a fixação do elemento humano ao seu "habitat" e promovendo a elevação do nível da vida rural.

A educação do jovem rurícola não fica exclusivamente adstrita a temas de estudos escolares que, sendo embora o fundamento da cultura, conservam-se inteiramente alheios à experiência da vida. Ao contrário, o seu constante adestramento nas práticas agrícolas dá origem à formação de habitos úteis, estimulando-o ao trabalho pelo prazer que nele aprendeu a encontrar. Organizados junto às escolas, os clubes agrícolas dão-lhes vida facilitam o ensino de diversas matérias, confundindo-se com a Escola em sua missão de educar — ministrando, porém, uma educação que atende à premente necessidade social de integrar o indivíduo no próprio ambiente em que se vai formando.

A educação rural não pode ser marcada à simples alfabetização. Ela deve ser marcada pelo acentuado espírito de realização que caracteriza o clube agrícola de cujos trabalhos cada ponto oferece os mais variados assuntos de interêsse para o ensino.

Tomemos , por exemplo, um clube agrycola escolar que vá dar início a uma criação de abelhas. Só o projeto, em si, provocará grande interêsse das crianças. Será feita uma pequena excursão para escolha do local onde se vai instalar o apiário. Que condições deve ter êste local? Há plantas melíferas suficientes para o sustento das abelhas e a produção do mel?? Como se alimentam as abelhas? Como vivem? Que posição geológica ocupam? Qual a melhor abelha?

Já ai se apresentam problemas a resolver, que dão oportunidade a conhecimentos práticos; além de temas do maior agrado para as crianças próprios para composição ou descrições orais. Quantos conhecimentos proporcionarão depois a instalação das colméias, os trabalhos práticos de apicultura, a produção de mel e de cera! Serão aulas não apenas ouvidas, mas vividas pelas crianças.

Vale transcrever, a propósito, um trecho do relatório que a professora Carmen Souza Lima, apresentou na Concentração dos Clubes Agrícolas em Brazópolis, Minas ,focalizando a correlação existente entre o clube agrícola e as matérias do programa do ensino primário.

Diz, em certa altura, aquela educadora:

"O ensêjo que sempre se verifica para os escolares, nas atividades do do c lube, é um motivo que deve ser aproveitado para assunto de uma aula, meio ideal e aconselhado quando se visa ensinar muito em pouco tempo. A experiência nos ensina que o programa do clube agrícola é um corolário do programa escolar; por isso a escola que o organiza não está promovendo inovação, mas pro-

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

curando um meio eficiente, capaz de produzir ótimos resultados, quando os seus assuntos são encarados pelo lado positívo da realidade.

Desde a fundação do clube agrícola, aparecem os motivos de associações às matérias do programa oficial. E' a língua pátria que se cultiva com a idéia ventilada em classe; é a história que se ensina fazendo com que as crianças conheçam os grandes homens, seus feitos, suas idéias, etc., é a aritimética, obrigando que se conheçam os cálculos de despesas e rendimento do clube; a geografia, estudando os lugares primitivos das diversas culturas, países de maior produção, exportação e consumo; ciências naturais, ensinando a distinção de um animal, um vegetal, um mineral; o desenho, aproveitando todas as iniciativas e delas se servindo para motivos de reprodução em côres, suas fórmas, etc.. No que se refere aos trabalhos manuais, o clube agrícola coloca ao alcance das crianças os mais variados motivos, que podem ser aproveitados em bordado, recortes e modelagens, tudo dentro de uma norma perfeita, que se caracteriza, não pelo sentido amplo e diverso, mas pelo valor educativo que encerra.

Além destas aplicações, o clube agícola concorre para desenvolver na criança o espírito de cooperação, o sentimento de nobreza, o cultivo da sociabilidade por um intercâmbio com os seus congêneres e oferece grandes oportunidades de se aproveitarem o espírito de iniciativa, que muito desvirtua, porque não recebe desde a infância uma educação à altura de suas concepções, suas aptidões, etc.. Diante de tudo quanto se observa, os clubes agrícolas se teem revelado ótimos condutores da aprendizagem objetiva, exata, transformando a escola antiga num centro de interêsse, onde professores e alunos confundem suas aspirações no firme desejo de construir."

Ao aprenderem métodos racionais de trabalho agrícola, os escolares sócios dos clubes adquirem conhecimentos essenciais, que os habilitam permanentemente a enfrentar com êxito os problemas da vida ativa da sua comunidade. Assim, o homem rural que foi um clubista, ao invés de encarar o meio em que vive como um elemento adverso, encontrará nêle condições favoráveis para o exercício das suas atividades, e só dificilmente será um "desajustado" no meio rural.

E' de suma importância para o nosso país proporcionar desde cêdo aos jovens do interior os conhecimentos relativos à vida do campo, habilitando-os por igual a evitar e dominar as dificuldades que acontecem surgir a cada passo. Só a posse dêsses conhecimentos essenciais póde gerar a confiança própria e robustecer o espírito empreendedor, dando-nos agricultores capazes, que não se podem improvisar. O ambiente, o comércio, o trabalho, a observação, a prática diária dos conhecimentos adquiridos, aliados ao sentimento do amor à terra e à preocupação com as culturas e as criaçãões é que criam êsse elemento humano de inestimável valor para a coletividade. De fato, os agricultores não se improvisam, muito menos os agricultores de espírito moderno, evoluidos animados de sentimento de progresso, aptos para a marcha da produção maior e melhor, através de métodos racionais de trabalho. O agricultor moderno é aquele que, tendo adquirido o gôsto pela instrução, procura sempre novos conhecimentos, orienta-se com elementos fornecidos pela ciência, transformando, melhorando, aprimorando em tôdas as suas faces os cabedais com que eleva o seu nível mental, valorizando-se constantemente. O agrícultor moderno não se improvisa: cria-se à luz da ciência e ao estímulo do amor à terra que lavra dia a dia.

O TAMANQUINHO E O GUARDA-CAÇA

(Tradução e adptação de um conto de Guyon, por MARILÉO)

Era uma vez um pobre tamanqueiro que morava perto de uma grande floresta, com sua mulher e nove filhos.

Por mais que o coitado trabalhasse não conseguia ganhar o suficiente para sustentar a família. Freqüentes vezes êles só comiam frutos do mato, pois não tinham dinheiro nem para comprar um pedaço de pão.

Perto da choupana do tamanqueiro erguia-se uma bela casa, habitada por um guarda-caça, mulher e um filho único. Êles possuiam tudo em abundância: farta mesa, bons vinhos e boas roupas. Mas nunca procuraram socorrer a família do infeliz tamanqueiro; riam-se até quando êles passavam, vestidos nos seus trapos, tremendo de frio e de fome, implorando uma esmola.

O tamanqueiro, um dia, sentiu-se tão desesperado que resolveu procurar descanso na morte. Tomou uma corda e embrenhou-se pela floresta a dentro. Êle caminhava tristemente, pensando na mulher e nos filhos que abandonava sem recursos e entregues ao mais cruel destino.

"Ah! êles não viverão, também, muito tempo, dizia consigo o tamanqueiro — mais hoje ou mais amanhã estarão mortos de fome!

Nisso viu na estrada uma carruagem quase tombada. Suas rodas estavam atoladas na lama e um dos varais quebrado. O dono da carruagem fazia todos os esforços para tirá-la do atoleiro.

"Oh! se eu tivesse apenas uma corda!" suspirava em voz alta. Ouvindo-o, o tamanqueiro aproximou-se e ajudou-o a repor a carruagem na estrada e depois lhe disse: "Eu não tenho nada mais que essa corda que ia me servir para me livrar dessa vida de miséria mas vou dá-la ao senhor para amarrar o varal quebrado.

— Bravo, bom homem, respondeu o dono da carruagem. Apesar do seu grande desgôsto você veio em meu auxílio. Pois bem, vou fazer a você um dom precioso que deveria ser usado com sabedoria. Eu permito que você manifeste três desejos que serão prontamento atendidos. V reflita bem e proceda com prudência".

Depois de ter falado assim, o homem e a carruagem desapareceram na floresta.

O tamanqueiro voltou logo à sua cabana e contou à mulher a estranha aventura que tivera na floresta. Ela, porém, não acreditou na promessa do desconhecido e troçou do marido, dizendo:

"Era melhor que êse homem tivesse dado a você um pedaço de pão!"

— Está bem mulher, haverá sempre tempo para nos lastimarmos se eu for enganado. Vamos fazer o pedido mais urgente.

"Desejo ver aqui uma mesa para tôda a família, cheia de tudo quanto é necessário para uma boa refeição!"

No mesmo instante, no meio da sala apareceu uma mesa carregada das iguarias mais apetitosas, dos vinhos mais finos e com todos os utensílios que faltavam àquela pobre gente.

O tamanqueiro e sua família ficaram maravilhados diante da mesa e mal ousavam tocar nos alimentos, com receio de que tudo desaparecesse. Mas, afinal, acabaram por se aproximar e com grande prazer puderam matar a fome de tantos dias.

Quando acabaram de comer, o marido disse à mulher: "E' preciso agora pensar nos dois outros "desejos". Que vamos querer?

— E' preciso, respondeu a mulher assegurarmos uma fortuna que proveite aos nossos filhos depois de nós.

— Tens razão — disse o taman-

queiro — desejo aquele quarto cheio de moedas de ouro".

Mal acabara de falar, e logo o quarto ficou cheio de moedas de ouro novas e reluzentes. "Será possível que haja tanto dinheiro no mundo ? exclamou a mulher !

— Eis-nos ricos para tôda a vida! Nós agora poderemos ser felizes e fazer muito bem aos pobres!

— Isso é o que faremos, certamente, disse o tamanqueiro. Restanos ainda um desejo a manifestar. Qual será ?

— Eu creio, meu marido, que a riqueza somente, não faz a felicidade. Se nossos filhos, ou mesmo nós, cairmos doentes, essas moedas de ouro poderiam nos curar ? E' preciso também a saúde para sermos completamente felizes.

— Tens muita razão no que dizes, e eu desejo para todos nós, uma excelente saúde, até os últimos dias de nossa vida.

Satisfeitos os três pedidos, o tamanqueiro e sua mulher procuraram empregar do melhor modo a fortuna tão inesperadamente obtida.

A notícia da tal riqueza logo chegou aos ouvidos do guarda-caça que, em companhia da mulher, se apressou em procurar o tamanqueiro. Êste esquecendo as injúrias de que fôra vítima, e a dureza de coração com que sempre o trataram seus vizinhos, mostrou-lhes todo o seu ouro e contou-lhes como o havia conseguido.

O guarda-caça e sua mulher mal puderam esconder a raiva e a inveja quando viram que o pobre tamanqueiro se tornara mais rico do que êles.

De volta à casa a mulher do guarda-caça lhe disse:

— Corra depressa à floresta e procure encontrar o viajante com sua carruagem e êle poderá lhe conceder, também, três cousas que desejar. E' preciso que nós sejamos ainda mais ricos que o tamanqueiro.

O guarda-caça correu à floresta e encontrou logo o viajante cuja carruagem estava encravada no mesmo lugar, com um varal quebrado.

"Eu tenho necesidade de teu auxílio, lhe disse o viajante. Vem me ajudar a tirar minha carruagem dêste lamaçal e consertar o varal quebrado".

— Foi você que fez a fortuna do tamanqueiro, não foi ? Pois bem, quando você tiver me concedido, também, três cousas que eu desejar, ajuda-lo-ei a tirar sua carruagem do atoleiro.

— Está bem, respondeu o viajante. Eu me arranjarei sem teu auxílio. Olha, a minha carruagem já está pronta para partir. E's um grande egoista, entretanto, vou atender a três desejos teus. Pode fazê-los quando quiseres".

Assim dizendo, o viajante partiu.

O guarda-caça, aflito para contar à sua mulher a sua boa sorte, exclamou: "Eu desejava ser transportado à minha casa !" Logo, êste primeiro desejo, feito sem refletir, foi atendido. O guarda-caça ficou muito desapontado ao ver perdido um dos três desejos.

Foi uma desgraça você ter esperdiçado, levianamente, tal dom, lhe disse a mulher. E" agora a minha vez de querer alguma cousa. Há muito tempo que eu desejo um casaco tão bonito como o da mulher do juiz. Sinto-me tão humilhada quando passo por ela !

— Você está louca ! Que idéia de pedir um casaco! Eu preferia vê-lo dependurado na ponta de sua língua !

Mal acabara êle de falar, quando um longo casaco apareceu suspenso à língua da mulher, que começou a soltar gritos de furor.

O guarda-caça, que assim agira sem reflexão, ficou atrapalhado e para acalmar sua mulher teve de fazer o terceiro pedido: que o casaco se despregasse da língua de sua mulher.

E assim foram perdidos os três "desejos". O guarda-caça e sua mulher se acusaram reciprocamente da tolice que praticaram, sem pensar que haviam sido castigados pelo seu egoísmo e inveja.

RESPONDENDO

L. M.

"*A. B*" — Agradecendo seus aplausos pelo aparecimento desta seção, vimos trazer-lhe as informações pedidas.

Sôbre a vida dos animais a que se refere na sua carta, poderá encontrar seguros esclarecimentos nos volumes ns. 6 e 7 da interessante série de livros "Ciência da Vida", da autoria de Wells.

Quanto aos problemas para 2.º e 3.º anos, leia "Uma experiência proveitosa" trabalho publicado em "Educando" (Setembro de 1941), onde encontrará alguns exemplos adequados.

Oportunamente publicaremos informações sôbre as diversas zonas do Estado.

"*L. C.*" — Pede-nos a prezada colega uma série de exercícios para desenvolvimento da memória, atenção e observação em uma classe do 3.º ano de nível mental inferior.

O assunto é um pouco complexo porque tôda uma série de questões psicológicas teriam que ser consideradas para a eficiente aplicação dêsses exercícios. Entretanto, à guisa de sugestão, apresentamos uma série dêles colhida em diversas fontes. Em geral, êsses exercícios que constituem para os alunos uma atividade interessante, são aplicados mais como um "jôgo" do que própriamente como "processos" para diagnosticar ou desenvolver certas capacidades mentais dos alunos. E para melhor orientação dêsse trabalho, aconselhamos-lhe a leitura do livro "Como diagnosticar as aptidões dos ecolares", de E. Claparéde, tradução de A. Leal Júnior.

Exercícios de atenção e observação

a) Apresentar à classe uma gravura que ficará exposta à observação dos alunos durante um ou dois minutos. Decorrido o tempo marcado, retirar a gravura e mandar que os alunos enumerem tudo o que viram nela.

b) Fazer observar gravuras, desenhos de objetos, de animais, apresentando pequenas diferenças, para que estas sejam apontadas pelos alunos.

c) Completar frases ou trechos.

d) Ordenar, pelo sentido, as palavras de uma frase ou os períodos de um pequeno trecho.

e) Traçar no quadro uma série de sinais (pode-se empregar, também, números ou palavras) e mandar que os alunos observem bem a sua colocação.

Pedir a um ou dois alunos que se retirem um momento da sala. Os sinais traçados no quadro serão trocados de lugar. Chamados os dois alunoos, êles deverão apontar as alterações havidas no quadro.

f) Dar figuras recortadas para serem reconstruidas.

g) Mandar executar três ou mais ordens a um tempo.

Exercícios da Memória

a) Dizer uma série de 10 ou 15 palavras para que os alunos as reproduzam, por escrito, se o exercício for dado a tôda a classe e oralmente, se individual.

b) Fazer decorar uma ou duas estrofes de uma poesia ou um pequeno trecho, durante certo tempo. Esgotado êste, mandar que os alunos escrevam o que conseguiram memorizar. O número de omissões ou trocas de palavras demonstrará se a menmória é rápida e fiel. Querendo a professora verificar se essa memória é fraca ou forte, poderá, alguns dias depois, repetir o mesmo exercício, naturalmente sem que os alunos estejam avisados.

c) Mandar reproduzir histórias curtas e observar se todos os fatos foram lembrados.

d) Dizer uma série de números

(começar por série pequena que irá aumentando gradualmente: — 8 — 5 —3 . . . ; 7 — 3 — 9 — 4. . .) para ser repetida pelo aluno na ordem em que foi enunciada (exercício oral ou escrito).

e) Apresentar três ou mais gravuras numa determinada ordem; após alguns segundos recolhê-las e mandar que os alunos as mencionem de acôrdo com a ordem apresentada.

f) Bater com o lapis, sem que os alunos vejam o movimento da mão, um certo número de pancadinhas para que os alunos as reproduzam na mesma ordem.

g) Apresentar uma série de cartões de variadas côres, durante um ou dois minutos. Retirados os cartões ,mandar que os alunos escrevam os nomes das côres na ordem em que foram apresentados.

Se, porventura, êsses exercícios que acabamos de indicar não lhe forem úteis por já os conhecer, sirvam ao menos para mostrar-lhe a nossa boa vontade em levar-lhe a nossa colaboração.

PROFESSORES

Antonio Benedito de CARVALHO

Publicamos abaixo um trabalho do Sr. Antônio Benedito de Carvalho, professor aluno da E. de Aperfeiçoamento respondendo à questão seguinte, proposta na Cadeira de Psicologia aos iniciantes do curso:

— "Qual o melhor professor que já teve? Qual o peor?

Assim evoca o autor, rememorando seus tempos escolares, os dois tipos representativos, a seu ver, do melhor e do peor mestre.

MEU MELHOR PROFESSOR

Entre os professores que tive, durante minha vida, um se me gravou especialmente na memória.

Tinha eu, quando aluno dêsse mestre, 16 anos de idade e frequentava suas ótimas aulas.

Encontrava, na sua sala de aula, um ambiente agradável e por todos os títulos desejado.

Seu grande tino pedagógico, fruto, em parte, de um conhecimento psicológico dos alunos, bebido através da observação cuidadosa e ,diária dera-lhe feição de um verdadeiro professor ajustado às necessidades de seus alunos, com os quais vivia como se fôra verdadeiro pai.

Dir-se-ia que sua alma de mestre amigo transfundia-se com o coração dos alunos.

Nele, tudo primava: espírito de justiça, cordialidade quase paternal, capacidade de trabalho, esfôrço em melhorar sua técnica pedagógica para que dela se beneficiassem os discentes, eis algumas das marcas dêsse bom mestre, cuja lembrança o impiedoso passar dos tempos não conseguirá varrer da retina de minha memória.

Com que carinho especial êsse homem privilegiado tratava todos os que tinham a "felicidade" de o ter como docente!

As dificuldades dos alunos, sentia-as êle também; as alegrias, gosava-as ainda.

Era o verdadeiro guia, que tendo em mente uma finalidade bem caracterizada e definida, a de instruir e educar, não se esquecia de que os melhores alunos, como os demais, tinham também dificuldades a vencer, e, para essa vitória, não se poderia realizar unilateralmente a obra educativa, com um trabalho exclusivo do discente.

Via a necessidade de conjugar a sua boa vontade a sua técnica com o esfôrço dos alunos.

Melhor, entretanto, do que suas aulas de humanidades, fotografaram-se na minha memória, com profundos reflexos na minha consciência, suas aulas de moral católica, em que êsse professor, bom piedoso e culto, procurava plasmar seus alunos na fôrma do dever, para que os moços de sua aula se transformassem em homens de caráter retilíneo e de conduta aprimorada.

E quão bem êle falava do Brasil, dizendo que nossa terra exigia de todos os filhos um sadio patriotismo para sua glória futura.

Embora na sua cadeira os encargos de mestre e de alunos fossem pesados e exigissem tempo, êle sempreservava uns instantes para a nossa formação moral e patriótica.

Como modêlo de patriotismo acendrado, citava sempre o soldado francês, que não pronunciava o nome de

sua terra sem uma vibração característica.

Por tudo isso, êsse homem não se apagará de minha lembrança.

MEU PEOR PROFESSOR

E', para mim, um trabalho bem difícil, selecionar fatores, estabelecer premissas, para concluir qual tenha sido meu peor professor.

Difícil e ao mesmo tempo penoso.

Vou deixar à margem o aspecto moral da questão, pois, olhando por êsse prisma, não vejo nenhum faltoso.

Todos procuraram transformar-me, de criança inexperiente, em hómem de conduta firme.

Falo, pois, do aspecto exclusivamente "pedagógico", concebendo êsse têrmo apenas no sentido de instrução.

Tive um professor, de cujas aulas pouco lucrei.

Não vou dizer que êsse elemento do magistério deixava de cumprir o seu dever.

Seu esfôrço era uma questão que não escapava aos olhos de quem quer que fosse, mas suas aptidões pedagógicas eram pequenas demais.

Seu processo educativo ficava muito longe de conduzir bem os alunos para o progresso intelectual.

Seu principal defeito era uma patente falta de método.

Deixava de encarar o ensino pela ordem psicológica para vê-lo pela ordem lógica.

Estabelecia, em certos pontos da matéria, uma verdadeira confusão, supondo conhecidos fatos que necessitavam maiores esclarecimentos, e não estabelecia certa correspondência entre um assunto e outro.

Daí, viam-se questões, — para cujo conhecimento se necessitava certa experiência anterior, — como um elo isolado de determinada corrente e nisso faltava até a ordem lógica. O resultado mau refletia-se na apuração mensal.

Trabalhava, e muito, mas faltava-lhe o método; e como método quer dizer caminho, não poderia, nunca, chegar ao resultado visado, sem passar por essa via indispensável.

Tem razão quem afirmou: "Mais vale um pendor natural para o magistério do que uma enorme cultura acumulada numa cabeça pouco propensa ao ensino".

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Prof. Hilton Rocha

Livre docente de Clínica Oftalmológica das Faculdades de Medicina das Universidades do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas

Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

CONSULTAS DIÁRIAS DAS 3 ás 6 - EDIFICIO CINE BRASIL

SALAS 608 A 614 - TELEFONE, 2-3171

A FAZENDA ESCOLA DE FLORESTAL

Florestal, plantada bem na região central de Minas, apresenta-se vomo um dos mais curiosos ensaios de educação tecnica que se possa realizar no Brasil, para uma completa integração do homem e do trabalho às condições reais da nossa existência, calcada no melhor aproveitamento da riqueza rural em que repousa a própria estrutura econômico-financeiro de nossa pátria.

E' uma fazenda. E, como fazenda, é uma grande, completa, original e eficiente escola.

Essas duas finalidades, aliás, de tal modo se aliam e se confundem na sequência do trabalho de Florestal, que, o hóspede que busca alí a tradicional delicadeza do homem montanhês não se pode furtar aos ensinamentos ministrados pelo mais moderno, mais simples e por isso mesmo mais eficiente processo de aprendizado. E o técnico, que vai buscar o ensinamento das pesquisas, dos ensaios e das experiências, de lá volta encantado com a outra grande atividade do estabelecimento, que é receber visitas, para, num ambiente de estrita camaradagem e de máxima intimidade, ligar o passeio ao aprendizado, fazendo do trabalho o motivo atraente dos seus lazeres.

A Fazenda Escola de Florestal, entretanto, apresenta dentro dessa caracterização um outro plano ainda mais interessante e mais prático. E' destinar-se a fazendeiros, empregados de fazendas e à educação da infância desamparada de Minas.

Na época em que os técnicos se tornam cada vez mais necessários, mas em que a capacidade técnica se torna também cada vez mais discutível, pela pressa com que se preparam os portadores de títulos, o govêrno de Minas preferiu ir buscar o produtor em sua fazenda, onde a em outros pontos se realizam. E, trabalhando assim o material diretarotina se lhe ia infiltrando pela falta de observação dos progressos que mente responsável pela execução da grand eobra econômica de engrandecimento da nossa capacidade produtora, moldando o próprio homem que labuta no campo por imposições da sua profissão, mais do que um novo técnico, consegue a Fazenda Escola de Florestal fazer dêsse elemento uma mentalidade nova, que vai influenciar a sua zona d eatividades, com o seu exemplo e co ma crença real nos ensinamentos que cientistas e grandes pesquisadores singelamente lhes proprocionam nesses dias de estada confortável no "Hotel dos Fazendeiros" daquele estabelecimnto.

Essa complexidade de funções, que à primeira vista se apresenta como de realização muito difycil, transforma-se, entretanto, no mais cristalino de todos os esquemas, quando percorremos as dependências da Fazenda Escola de Florestal, e alí descobrimos, em cada atividade, um traço de atenção pessoal do Governador Benedito Valadares que idealizou e realizou êsse grande empreendimento originl em nosso país, e colocado nas proporções devidas ao nosso meio, destinado a ser dos mais eficientes do mundo.

Nesse exame de Florestal, aliás, vamos encontrar uma fase muito

avançada do emprêgo e do aproveitamento das conquistas cientííficas, emprêgo êsse que o administrador de visões largas leva até o trabalho de modelagem das mais delicadas questões sociais.

Em verdade, fácil se torna a qualquer observador notar que o elemento trabalhado em Florestal, sendo uma célula viva da riqueza e da vida rural mineira, deixando de apresentar êsse aspecto visionário que nos oferecem os moços das escolas para ter a sua tradução real na própria vida econômica atual do Estado, cada novo hóspede-aluno pode ser computado em cifras e em ensinamentos com mais um elemento propulsor dessa riqueza, como um órgão revitalizado de trabalho, como um difusor de nova técnica que se traduz lógicamente em meior e mais racional produção. As consequências dessa renovada ação do fazendeiro tem a sua significação social direta, porque os ensinamentos que recebeu, variando desde o trato da terra até as condições higiênicas mais elementares, e passando no seu desenrolar pelo convívio e pela troca de pontos de vista de homens eficientes vindos das mais diversas e distantes regiões do Estado, por certo que agirão imediatamente na modificação dêsse panorama social decorrente das condições econômicas do meio.

E, ainda na solução dos grandes problemas sociais com que defrontam as administrações, na qual mais significativas, mas humana e mais invejável do que essas, integrada no mesmo plano de reunir aí, como alunos permanentes, os menores abandonados, trazidos de todos os pontos do Estado, e qu edaí sairão técnicos rurais, apaixonados trabalhadores da terra?

Uma definição mais ampla ainda do que seja essa realização, pode ser encontrada nas palavras que o Chefe do Govêrno Mineiro dirigiu ao Presidente eGtulio Vargas, por ocasião da sua inauguração: "A feição que a informa e domina é a da escola viva, em que se aprende pela pratica, se adquirem conhecimentos pela ação, e o aprendizado é o trabalho. E' uma fazenda, é uma escola na fazenda. O homem rural não sai do seu meio, do seu mister, de sua vocação, do ambiente que guarda os seus costumes e atrativos de sua existência".

Os têrmos abstratos, gerais, coletivos, não dizem grande cousa a espiritos de jovens pouco afeitos á contemplação universal. — **Lanson**.

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

Rua da Baía, 1649 -- Fone 2-0151

Aceita depósitos nas seguintes contas

Populares

Movimento

Prazo fixo

Retiradas por meio de cheques

SERVIÇO RÁPIDO E SEGURO

Garantia do Govêrno do Estado de Minas Gerais

Agências em todos os municípios mineiros

Origem: Doação
Preço: ——